

**ENTRE O AMÉM E O AXÉ: UM ESTUDO DO
FENÔMENO RELIGIOSO NA CIDADE DE CANINDÉ (CE) E DO PAPEL
HISTÓRICO DAS MÃES DE SANTO NOS TERREIROS DE UMBANDA**

Gabriel Freitas de Sousa¹

Resumo

Este artigo se originou a partir dos resultados, colhidos e analisados, envolvendo os terreiros de umbanda e a influência católica franciscana em Canindé. Esta cidade é localizada na mesorregião do estado Ceará, que é nacionalmente conhecida pelos festejos de São Francisco das Chagas e que resulta na peregrinação de milhares de romeiros durante o ano, principalmente, no período dos festejos do santo. Desse modo, além do catolicismo presente no circuito religioso da cidade, também podemos perceber a Umbanda distribuída entre contextos urbanos e rurais e o importante papel das mulheres, que exercem suas funções como Mãe de santo e liderança social, e é sobre esse fenômeno a qual nasce este artigo. E compreende como objetivo geral, compreender a influência do catolicismo nas comunidades tradicionais, negras, indígenas e quilombolas, bem como os terreiros de umbanda como forma de resistência cultural, política e religiosa, destacando o papel das Mães de santo, que fazem frente, como lideranças em suas comunidades. E objetivos específicos, como objetivos específicos destaco (i) abordar sobre a questão histórica da região de Canindé. (ii) entender o circuito religioso presente em Canindé, focando principalmente na Umbanda. (iii) analisar o papel histórico de liderança das Mães de santo de Umbanda da região. Como metodologia, foi utilizada a entrevista, na modalidade semiestruturada, com as principais lideranças dos terreiros tradicionais de Umbanda da região, a observação participante, além de pesquisa documental e

¹Indígena da etnia Karão Jaguaribaras. Graduado no Bacharelado em Humanidades (UNILAB). Discente na especialização em Gênero, diversidade e direitos humanos.

bibliográfica, dentro dos aportes históricos e antropológicos cabíveis. De acordo com os resultados obtidos, podemos analisar que o papel das Mães de santo de Umbanda em suas comunidades, urbanas e rurais, são fundamentais para o fortalecimento e preservação das heranças ancestrais e culturais afro-indígenas em Canindé, diante das influências do catolicismo franciscano dominante na grande parcela populacional da cidade de Canindé.

Palavra-chave: Umbanda, Mães de santo, comunidades tradicionais

Resumen

Este artículo se originó a partir de los resultados, recopilados y analizados, que involucran Umbanda terreiros y la influencia católica franciscana en Canindé. Esta ciudad está ubicada en la mesorregión del estado de Ceará, que es conocida a nivel nacional por las fiestas de São Francisco das Chagas y que resulta en la peregrinación de miles de peregrinos durante el año, principalmente durante el período de las fiestas del santo. De esta forma, además del catolicismo presente en el circuito religioso de la ciudad, también podemos percibir la Umbanda distribuida entre contextos urbanos y rurales y el importante papel de la mujer, que ejerce sus funciones como Mãe de santo y liderazgo social, y Es sobre este fenómeno que nace este artículo. Y entiende como objetivo general, comprender la influencia del catolicismo en las comunidades tradicionales, negras, indígenas y quilombolas, así como la Umbanda terreiros como forma de resistencia cultural, política y religiosa, destacando el papel de las Mães de santo, que enfrentan , como líderes en sus comunidades. Y objetivos específicos, como objetivos específicos destaco (i) abordar el tema histórico de la región de Canindé. (ii) comprender el circuito religioso presente en Canindé, centrándose principalmente en la Umbanda. (iii) analizar el liderazgo histórico de las Mães de santo de Umbanda en la región. Como metodología se utilizó la entrevista, en la modalidad semiestructurada, con los principales líderes de los tradicionales Umbanda terreiros de la región, la observación participante, además de la investigación documental y bibliográfica, dentro de los aportes históricos y antropológicos apropiados. De acuerdo con los resultados obtenidos, podemos analizar que el papel de las Mães de santo de Umbanda en sus comunidades, urbanas y rurales, son fundamentales para el fortalecimiento y preservación de los patrimonios ancestrales

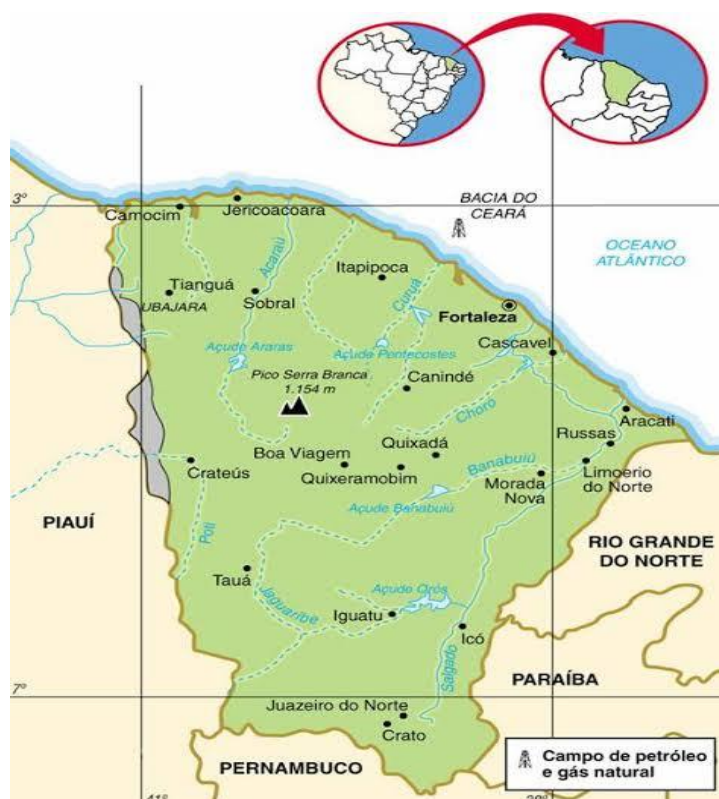
y culturales de los afroindios en Canindé, frente a las influencias del catolicismo franciscano dominante en la gran población de la ciudad de Canindé.

Palabras clave: Umbanda, Madre de santo, comunidades tradicionais

1- Introdução

Canindé é uma cidade localizada na mesorregião do estado do Ceará, que cresceu e se desenvolveu a partir da construção da capela de São de Francisco. Mais tarde esta se tornou uma das maiores Basílicas das Américas.

O território que hoje constitui o município de Canindé, antes da chegada dos portugueses, sempre foi uma área povoada por povos indígenas, como por exemplo, os povos Jaguaribaras, que, segundo Filho (1965), viviam na ribeira do rio Jaguaribe ao rio Mundaú, habitando a margem esquerda do Choró. Ou seja, nas vastas porções de terra que iam da margem do rio Jaguaribe, maciço de Baturité, serras da Itatira e áreas do sertão de Canindé, fazem parte das terras dos indígenas Jaguaribaras, assim como podemos perceber no mapa abaixo a localização geográfica da região:



FONTE: Enciclopedia global, 2017.

Com a entrada de colonos nos sertões e a implantação de fazendas em terras indígenas, muitos foram os conflitos envolvendo os nativos e os invasores. Como forma de dominar e controlar esses povos, a coroa, juntamente com os Jesuítas criaram os aldeamentos.²

Dessa forma, muitas comunidades foram se estruturando, ligadas às vilas maiores, como por exemplo, a vila de Canindé que estava diretamente ligada a Baturité. Não demorou muito para que a então vila de Canindé fosse povoada. Dentre a população estavam brancos, caboclos, indígenas e afrodescendentes. Por volta do ano de 1764, o sargento-mor português Xavier de Medeiros (considerado fundador de Canindé) e os coronéis donos de fazendas que tinham como patrimônio grandes latifúndios, sendo que o território que hoje faz parte da delimitação municipal da cidade, foi doado por sesmeiros de Baturité e Fortaleza, para a então capela de São Francisco que foi construída por volta do ano de 1775, às margens do rio Canindé.

Com a implementação de fazendas na região, crescia também a questão da demanda por mão de obra escrava. Foram muitos os escravizados sequestrados de África que se estabeleceram. Muitos eram levados para trabalho nas lavouras de algodão, produto esse que se destacou durante anos como principal economia do estado. Em alguns outros casos, a mão de obra se voltava para serviços gerais nas casas e fazendas.

Em contrapartida, no centro da *polis* canindeense, o culto a São Francisco das Chagas ganhava forma e muitos romeiros devotos do santo passaram a ter Canindé como um lugar de peregrinação. Um dos momentos mais memoráveis, e com toda certeza estrategicamente planejado, foi a abolição realizada no dia 4 de outubro, dia de São Francisco e, consequentemente, último dia de festejo na cidade, fazendo com que milhares de romeiros e moradores locais, guardassem na memória o dia da abolição, a qual,

² Os aldeamentos foram instituições criadas pelos padres Jesuítas durante o período colonial, a qual, abrigava indígenas capturados em expedições, no Ceará foram utilizados como estratégia e política de extermínio de índios, disfarçada de catequização. Os aldeamentos se tornavam vilas de índio, que tinha como objetivo catequizar, ensinar o português, grosso modo, desestruturar a identidade étnica dos povos indígenas no Brasil.

responsabilizariam o poder do santo que ficaria conhecido como libertador.

Após a abolição, muitas comunidades rurais e urbanas foram sendo formadas, e muitas preservaram suas práticas culturais e espirituais. Diante disso, pretendemos analisar as contribuições culturais e religiosas de comunidades negras e indígenas em Canindé e suas manifestações e, dessa forma, pontuar um fenômeno que está diretamente interligado com as questões do estudo da ciência das religiões: a Umbandização como resistência e o relevante papel das lideranças femininas nos terreiros.

Investigaremos a influência do catolicismo nas comunidades tradicionais, negras, indígenas e quilombolas, bem como os terreiros de umbanda como forma de resistência cultural, política e religiosa, destacando o papel das Mães de santo, que fazem frente, como lideranças, nas lutas contra o preconceito e na busca de políticas públicas para os povos de terreiro.

Para isso, utilizamos a abordagem qualitativa e a técnica entrevista, na modalidade semiestruturada, com as principais lideranças, Mães de santo e filhas de santo, dos terreiros tradicionais da região para responder a seguinte problemática destaque como a problemática de estudo, como se deu a formação social, cultural e religiosa da região de Canindé, em relação aos povos originários e afrodescendentes e suas manifestações junto a influência do catolicismo franciscano? E qual a importância do papel histórico das Mães de santo de Umbanda em suas comunidades?

Foi realizado também a observação participante em alguns desses espaços, além de pesquisa documental e bibliográfica, dentro dos aportes históricos e antropológicos cabíveis.

Como força motivadora deste estudo, destaco as minhas origens indígenas e a espiritualidade do catimbó Jurema que vem de tempos imemoráveis na minha família. Abordar sobre a umbanda e suas principais personagens, as Mães de santo, em um âmbito acadêmico, é deveras relevante e necessário, pois, durante muitos anos, esses terreiros foram relegados à invisibilidade.

Portanto, além de contribuir com as produções sobre gênero, diversidade e direitos humanos, esse trabalho pretende o fortalecimento da umbanda em Canindé. Por se tratar de uma cidade majoritariamente, católica franciscana, é necessário darmos importância aos povos de terreiro e suas manifestações. Para isso, iremos nos debruçar sobre essas influências religiosas em compatibilidade aos contextos históricos, culturais e religiosos

de Canindé, bem como sobre o papel das mulheres como lideranças religiosas e políticas de suas localidades.

2 - Contexto histórico e social da Região

Como já abordado anteriormente, os povos Jaguaribaras se somam a essa diversidade cultural e étnica da região. Registrada e contatada a presença desses povos em documentos históricos provinciais do século XVIII, esses nativos resistiram ao processo de colonização e habitam hoje as regiões da delimitação municipal de Canindé, Itatira e maciço de Baturité.

Além disso, habitavam a região, chamado de sertões de Canindé, os povos Apujarés (LEITE NETO, 2006) sobre os quais não temos muitos documentos, mas provavelmente, seria um clã dos indígenas Jaguaribaras, segundo a narrativa do Pajé Ruy Karão(2021)³. Já no contexto de migração forçada, devido à temida guerra dos bárbaros (1651-1720) vieram os indígenas Kanindés, junto aos Jenipapo, que segundo Neto (2006), eram originários do Rio Grande do Norte e pertenciam à mesma nação. Estes foram a princípio aldeados na região do Choró e anos depois foram levados para Baturité (FEITOSA, 2002).

Dessa forma, com o processo de colonização, as serras passaram a ser os alvos dos invasores, pois era intensa a busca por riquezas e terras. Com o passar do tempo, muitas fazendas foram criadas na região. Uma das mais antigas de Canindé, é a fazenda Santa Rosa, que mais tarde se chamaria fazenda São Paulo dos Padres e data da metade do século XVIII (MAGALHÃES, 2003).

Além da criação e instalação de várias fazendas no espaço é a partir da construção e finalização da igreja de São Francisco, que pequenas vilas começam a criar corpo. Nesse sentido, não demorou muito para que essas vilas crescessem a partir do desenvolvimento religioso, fruto das peregrinações de romeiros na região. Para nos envolver neste fenômeno, é necessário entender alguns conceitos e contextos presentes no cenário social brasileiro, iremos abordar a seguir.

³ Entrevista realizada em 11/10/2021.

2.1- Contexto histórico e social entre os séculos XVIII E XIX: o racismo e seus reflexos para os povos indígenas e africanos em Canindé

Nos séculos XVIII e XIX ainda era intenso o comércio de escravizados no Brasil. O sudeste e o nordeste, sobretudo Bahia e Pernambuco, exerciam o sistema de *plantation*, que eram latifúndios voltados para a monocultura, principalmente de cana de açúcar.

Esse modelo econômico tinha como principal mão de obra africanos e/ou descendentes de africanos escravizados e indígenas. O exclusivismo comercial, juntamente com o tráfico de escravizados, gerava à coroa lucros exorbitantes. Segundo Novas (1989), o exclusivo comércio metropolitano, o então chamado “monopólio colonial”, se dava da seguinte forma:

Constituíam-se, pois, no mecanismo por excelência do sistema através do qual se processava o ajustamento da expansão colonizadora aos processos da economia e da sociedade europeia em transição para o capitalismo integral (NOVAS, 1989, p. 72).

Esse tráfico entrou em crise por conta das pressões políticas que vinha sofrendo, ao passo que dispositivos legais iam sendo criados para proibi-lo.

Em 1850 a lei Eusébio de Queirós, instituiu rígidas punições aos tumbeiros e esse fato deu margem ao comércio interprovincial de escravizados. Com o fim do tráfico transatlântico, a comercialização interna passou a movimentar a economia, o preço do escravizado aumentou e isso gerou uma demanda considerável por mão de obra.

No Ceará, e mais precisamente, em Canindé, não foi diferente: era nítida a presença africana, indígena e de seus descendentes na cidade, cuja população chegou a ser de 1.000 escravizados em certo período (FEITOSA, 2002). Famílias de alto poder aquisitivo tinham seus súditos que colhiam algodão e faziam serviços gerais em suas fazendas ou residências.

Em documentos do século XIX, achados nos principais cartórios da cidade, documentos esses de troca e venda em Canindé, percebemos “grandes nomes” que compunham a elite canindeense e que possuíam escravizados, sendo que hoje, muitas ruas

da cidade foram batizadas com esses mesmos nomes, como é o caso de Joaquim Pereira do Ó⁴.

Nesses documentos, que na verdade, são recibos de troca e venda, e até mesmo, inventários de bens *post mortem*, que hoje se encontram no cartório Maciel de Andrade, o mais antigo da cidade, relata-se a quantia do escravizado e para quem foi vendido, além de destacar características do mesmo, como altura, porte físico, quantidade de dentes, etc. Características essas que teriam como herança, a questão do racismo na sociedade brasileira.

Desse modo, iremos abordar a seguir alguns conceitos de pesquisadores e teóricos sobre o racismo no Brasil, chamado de racismo à brasileira, que se camufla nas mais pequenas ações do dia a dia, mas, que, no entanto, continua matando milhares de pessoas por ano, vítimas da violência do estado e da operação do racismo nas estruturas sociais do país, e que também atua nestas relações envolvendo o fenômeno religioso.

2.2- O racismo no Brasil: alguns conceitos

O racismo, segundo o antropólogo Kabengele Munanga (2004) é a ideia de dividir a humanidade por raça e mostrar inferioridade e superioridade por questões como capacidade intelectual, cor, tecnologias, porte físico e cultura, entre outros aspectos. Segundo suas palavras:

Com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais (MUNANGA, 2004, pp. 8-7).

Há certas dúvidas de como derivou a etimologia do termo Raça, como afirma Almeida (2018). Porém, quanto ao seu uso e conceito, este autor afirma que,

⁴ Originalmente, era chamada de rua Joaquim Pereira do Ó, porém, foi modificada, e passou a ser chamada de rua do Ó, por naquela localidade viver a família Pereira do Ó, donas de escravizados na cidade de Canindé.

“o que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos” (ALMEIDA, 2018, p.19).

Opinião que dialoga com o que Munanga (2004) conceitua, pois para ele “raça tem origem etimológica do italiano *razza*, que por sua vez vem do latim *ratio* que significa sorte, categoria, espécie”. A ciência dos séculos XVIII e XIX se esforçava em estudar homens e mulheres negros no intuito de provar sua inferioridade em relação aos brancos, esforço esse que ficaria conhecido como racismo científico. Munanga (2004), em sua teoria, destaca o essencialismo racista e suas consequências ao provocar a divisão da humanidade a partir de uma desigualdade racial. Esse essencialismo racista é um conjunto de ideias formadas em relação a mulher negra e o homem negro pela mulher e homem branco.

No Brasil, segundo pesquisa do Ibope de 2017, os brasileiros não se dizem racistas, mas o cometem sem perceber:

De cada dez brasileiros e brasileiras, apenas dois assumem ser racistas, machistas ou homofóbicos, mas sete admitem já ter feito alguma declaração discriminatória pelo menos uma vez na vida. "Mulher tem de se dar ao respeito", "não sou preconceituoso, tenho até um amigo negro" e "pode ser gay, mas não precisa beijar em público" são exemplos de comentários que expressam a reação da população diante da diversidade racial, de gênero, de orientação sexual ou estética (Juliana Diógenes e William Castanho, O Estado de S. Paulo, 09 de outubro de 2017)⁵.

A ideia de que não existe racismo no Brasil vem da elaborada cadeia sistemática e estrutural que propaga esse pensamento a partir dos poderes políticos e econômicos, historicamente exercidos pela branquitude. Porém, com o passar dos anos e com a “modernização” do país, várias questões envolvendo a “democracia racial” ligadas as obras e ideias de Gilberto Freyre e outros que defendem essa ideologia, entram em debate durante anos por intelectuais como Roger Bastide (1944), Abdias do Nascimento (1950) e Charles Wagley (1952) e isso ressoa até os dias de hoje.

2.3- Influência da igreja católica nas comunidades negras e indígenas

⁵ Link do site onde se encontra a pesquisa feita pelo IBOPE: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,so-2-em-cada-10-brasileiros-admitem-ser-preconceituosos-diz-pesquisa-do-ibope,70002034390>. Acesso em: 27/03/2021.

Como destacado anteriormente, a cidade de Canindé cresceu e se desenvolveu política, econômica e socialmente partindo do seu centro religioso: a igreja de São Francisco das Chagas. Ela se tornou uma matriz, por conta da grande procura e circulação de romeiros na região e das influências dos frades capuchinhos italianos. Logo a matriz se converteu em basílica e passou a ser reconhecida como o maior santuário de São Francisco nas Américas.

Concomitante a isso, as comunidades indígenas e negras sofriam as influências franciscanas direta ou indiretamente. A ida de frades capuchinhos às comunidades era mais uma forma de catequizar os povos que viviam longe do centro religioso e, de certa forma, contribuía para o apagamento de suas manifestações culturais e religiosas. Magalhães (2003) narra alguns desses fatos e conta que já nos anos de 1950, o Frei Policarpo fazia missões em sua moto, a qual, assustava os moradores e provocava admiração ao mesmo tempo (MAGALHÃES, 2003).

Outro fator para o apagamento dessas identidades e suas manifestações, foram as secas, as doenças e suas consequências. A cólera atingiu boa parte das comunidades rurais em Canindé, fazendo com que muitos dos sertanejos se deslocassem para Fortaleza. Quando não migravam, aqueles que permaneciam procuravam os braços da igreja, na tentativa de sobreviver. Assim, a igreja exercia um papel protagonista no auxílio a essas pessoas que fugiam da seca, da fome e da doença.

Hoje em Canindé, habitam os povos Kanindés da Gameleira e os povos Karão Jaguaribaras, mas além destes, outros estão em processo de fortalecimento, como é o caso do quilombo Benfica. Algumas dessas comunidades cultivam uma religiosidade como forma de resistência ao praticarem os antigos rituais afro-indígenas, vestidas na roupagem da Umbanda, a qual iremos abordar a seguir.

2.4 A Umbanda no Ceará: uma ferramenta de resistência e legitimação

A Umbanda chega ao Ceará por volta dos anos de 1950, por intermédio da Mãe Júlia de Iemanjá e dela surgiu a Federação Cearense de Umbanda, a qual muitos terreiros na região metropolitana de Fortaleza, e logo após, outras no Ceará, passariam a ser registrados, garantindo dessa forma, a legalidade do culto umbandista.

Os rituais indígenas e afro-brasileiros foram criminalizados durante muito tempo. Na sua maioria, os indivíduos que as praticavam eram negros e pobres da periferia da capital, como constam em muitas matérias de jornais dos anos 1920 e 1930 abordadas na tese de Mestrado de Pereira (2012).



Fonte: Manchete de 1º de junho de 1939 do jornal O povo, de Fortaleza- Ceará⁶.



Fonte: Manchete de 14 de março de 1938 do jornal O povo, de Fortaleza-Ceará

A partir das matérias acima, podemos perceber como era abordada a questão das religiões afro-indígenas na capital cearense. Há um uso de termos como “macumba” e

⁶ Imagens retiradas da tese de mestrado do Dr. Prof. Linconly Jesus Pereira, 2012.

negro com conotação pejorativa e atacam diretamente os praticantes da umbanda e outras religiões.

Na primeira manchete, traz a entrevista com um engenheiro da light, que possui uma admiração pelas manifestações afro-indígena. Segundo Pereira (2012) outros artigos encontrados nesta pesquisa, datada de 1934, trazem a prisão de onze pessoas em um culto religioso afro-indígena.

Na segunda manchete, alguns relatos vêm à tona, como por exemplo, o subtítulo da notícia, que é descrito da seguinte forma:

“O negro Luiz realizava macumba em seu botequim, muito frequentado pelas mulatas- uma velhinha, vítima do macumbeiro, teve uma morte horrível- impressionantes relatos de moradores a praia formosa”.

Podemos perceber o racismo contra os praticantes desta religião discursos que eram feitos na época e hoje ainda se perpetuam na sociedade brasileira, como por exemplo, a ideia de que quem pratica religiões afro-indígena possui uma morte trágica, ou mesmo, a ideia pejorativa do que seja macumba e o termo “mulata” empregado às mulheres negras.

A narrativa a seguir relata atos de magia no bairro Pirambu que, segundo Pereira (2012), era alguns dos locais onde se encontrava a maior massa de população pobre e negra de Fortaleza. Segundo ele:

No bairro Pirambu, diferentemente, onde a grande maioria da massa pobre da cidade estava concentrada, encontramos cinco artigos descrevendo as ações policiais, realizando prisões, mas agora se deparando com frequentadores e adeptos membros da elite local, força que amenizou os conflitos (PEREIRA, 2012, p. 76).

Mãe Júlia de Iemanjá traz a Umbanda do seu berço: o Rio de Janeiro. Esta religião é cercada de lendas e narrativas sobre sua própria formação (CARNEIRO, 2014). Uma delas, a mais conhecida, é a de que ela teria sido criada por Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, após incorporar o Caboclo das Sete Encruzilhadas e assim fundar a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Porém, alguns autores sintetizam, diante das tantas

narrativas e controvérsias, algumas correntes que levaram ao surgimento desta religião. A primeira hipótese que se tem é a citada no parágrafo anterior. A segunda é a de que a umbanda não surgiu com uma única pessoa, mas que se tratou de um movimento coletivo, espalhado pelos vários estados do Brasil e concentrado na região sudeste a partir dos rituais denominados macumbas. A terceira e última hipótese postula que a umbanda surgiu entre as décadas de 1920 e 1930 como uma religião nova, ajustada aos padrões de urbanização e industrialização de uma sociedade que saía de um passado agrícola e buscava encontrar seu espaço na modernidade com uma identidade própria (CARNEIRO, 2014, p. 65 Apud RIVAS & JORGE, 2012, pp. 122-123).

Voltando ao Ceará, a Umbanda chega em Canindé para legitimar as manifestações afro-indígenas nas zonas rurais e nas periferias da cidade. Uma das precursoras da religião em Canindé é a Mãe Marica de Yemanjá, sobre a qual trataremos a seguir.

2.5 - Religião afro-indígena e o papel das mulheres

Na comunidade Vila Medeiros, zona rural de Canindé, mora a mãe de santo mais velha da região. Mãe Marica de Yemanjá exerce o cargo desde os anos 1950, ou seja, antes da Umbanda chegar no Ceará. Ela⁷ explica que os ritos que se faziam, eram chamados de Catimbó Jurema das Matas:

Nesse tempo meu filho, quando eu era mais nova, a gente se juntava de grupo, e ia para as matas fazer os rituais. E quem me ensinou não foi ninguém não, foi a própria Jurema que me ensinou. Já me deu esse ofício. Meu terreiro era debaixo de um pé de Jurema, anos depois foi que abri minha seara. (Mãe Marica, 2022)

Mãe Marica nos conta, que em uma comunidade próxima, morava uma mulher chamada Francisca Macumbeira. Segundo ela, o que a Francisca Macumbeira, que na

⁷ Entrevista realizada no dia 15/11/2021. Na ocasião Mãe Marica de Yemanjá me recebeu no seu terreiro, junto com sua família. E após a entrevista, pude participar de uma gira interna, onde pude perceber vários elementos indígenas, como o uso da maraca, penas enfeitando as guias, e claro, a presença dos caboclos, como, Seu 7 estrela, Mestre sibamba e Nego Gerson.

época era uma senhora idosa, realizava, era diferente das práticas exercida por ela, pois Francisca já fazia o culto aos orixás.

Diante destas informações, podemos perceber que as precursoras da religiosidade afro-indígena na região, foram essas duas mulheres.

Mãe Marica nos conta, que apesar de no início seu marido ser contra suas práticas, ela passou ao cargo de Mãe de santo ainda muito nova. Madeira (2009) nos fala sobre a questão da maternidade simbólica que representa esse cargo dentro das religiões afro-indígenas. É através deles, que as mães de santo constroem novos espaços de luta contra a opressão feminina (Cantuário, 2009), além de exercerem liderança em suas comunidades, tutelarem e protegerem seus filhos e filhas e ensinarem os saberes da religião.

O papel de Mãe de santo é deveras uma responsabilidade enorme, pois, são mulheres que tem o poder de modificar e se reinventar dentro da tradição. São cargos que para se obter é requerido um arcabouço de saberes tradicionais e espirituais.

Além do mais, ao longo da história podemos perceber que as categorias “mulher” e “Mãe” foram subalternizadas por um sistema machista patriarcal, como explica Oyèrónké Oyěwùmí (2004),

Pesquisadoras feministas usam gênero como o modelo explicativo para compreender a subordinação e opressão das mulheres em todo o mundo. De uma só vez, elas assumem tanto a categoria "mulher" e sua subordinação como universais. Mas gênero é antes de tudo uma construção sociocultural. (Oyèrónké, p.02. 2004).

Desse modo, o papel de mulher Mãe de santo tem um valor simbólico significativo dentro dos terreiros, são hierarquias incontestáveis e, com toda certeza, um cargo de transmissão de tradições e resistência cultural.

Foi a partir disso, que Mãe Marica, junto com Francisca Macumbeira, iniciaram alguns médiuns na região de Canindé:

Eu já iniciei tantos médiuns que perdi as contas. A Francisca vinha para minha casa, e eu ia para a dela, e assim a gente fazia os “cruzo” do povo. Foi nisso até ela morrer, pelo o que eu saiba, não tinha outra pessoa mais velha do que eu que fazia essas coisas em Canindé. (Mãe Marica, 2021).

Francisca Alves, filha de santo de Mãe Marica, informou que ela fez frente ao movimento que houve no ano de 2005, em prol de políticas públicas para os povos de terreiros em Canindé. Dentre as reivindicações, se destacou a solicitação de ônibus para transportar os terreiros de umbanda de Canindé até as praias do litoral cearense, afim de participarem da festa de Iemanjá.

A justificativa seria a manutenção da cultura e das tradições religiosas, sendo essencial, a presença nesses festejos no mês de agosto em Fortaleza, pois, foi nas praias da capital que Mãe Júlia de Iemanjá, a precursora da umbanda no Ceará, realizou a primeira festa aberta ao público.

Além da Mãe Marica, também registramos as contribuições de outras importantes mulheres, como é o caso da Mãe Toinha. O terreiro da Mãe Antônia ou Mãe Toinha, como prefere ser chamada, se camufla em meio às referências a estátua de São Francisco, por se localizar vizinha à mesma. A rua onde se localiza o espaço é repleta de comércios dos mais diversos tipos, como por exemplo, restaurantes, lojas de artigos religiosos católicos, etc.

Mãe Toinha nos conta que sua casa vai completar 32 anos de funcionamento em 2022, porém, ultimamente, por conta de problemas de saúde, tem funcionado menos. A mãe de santo nos disse que sua umbanda é tradicional e explicou que aprendeu com os mais velhos. Ela afirmou que ensina estas epistemologias e os segredos das matas aos seus filhos, que são passados de geração em geração.

Segundo Carneiro (2014) a umbanda tradicional é aquela fundada por pai Zélio de Moraes, ou seja, com caráter mais kardecista em sua teologia. No entanto, segundo a fala de Mãe Antônia, a umbanda tradicional que ela pratica, é mesma relatada por Mãe Marica, cujas bases advém do Catimbó Jurema. Ou seja, podemos perceber que a umbanda legitimou práticas afro-indígenas, que até certo momento, eram consideradas proibidas e passaram a ser “aceitas” com a roupagem da umbanda. O que nos permite pensar que esta última serviu como uma ferramenta de resistência para as tradições ainda preservadas e remanescentes de grupos indígenas e afrodescendente.

Sobre os rituais da Jurema, Cascudo (1978) nos diz que na percepção indígena, a Jurema possui mundos invisíveis, com divisões e reinos encantados, ou seja, que são habitadas pelos mestres detentores dos saberes e da ciência da encantaria. Seriam esses encantados então, que segundo Ferreira (2011):

São evocados através das cantigas próprias, as quais chamam por seu nome, ou nome de sua cidade, sejam chefes indígenas, antigos catimbozeiros, espíritos de negro (escravos, senhores de engenho, etc), católicos, curandeiros e etc. (FERREIRA, 2011, pp. 47.).

Em entrevista com Luciana Alves⁸, filha de santo de Mãe Toinha, ela destaca o relevante papel da Mãe de santo, não só na sua vida, mas para o funcionamento da tradição de seu terreiro.

Não sei o que eu seria sem mainha, ela é fundamental para tudo, para minha vida, me ajudou muito a me reergue, e também é importante para levar a umbanda que já vem dos mais antigos. O pessoal pensa que a umbanda é só chamar os caboclo, os exus. Umbanda é saber curar só indo buscar na mata. (Luciana Alves, 2022)

Ao ser perguntada sobre a representatividade da Mãe Toinha, como mulher negra e Mãe de santo, em um cenário majoritariamente, católico franciscano, a filha de santo responde:

Todo mundo sabe que quem é da umbanda ou qualquer outra religião africana, pode ser insultado. Minha Mãe (Mãe Toinha) já foi insultada demais. Principalmente, quando estávamos fazendo gira aqui, e chegava romeiro ali e escutava os tambor batendo, as vezes jogavam até pedra no telhado. (Luciana Alves, 2022).

Mãe Toinha discorre sobre esta temática, dizendo que é devota de São Francisco, e nunca vai deixar de ser e nos diz que quando é festejo de São Francisco, e vem romeiros do estado do Maranhão, muitos desses participam de giras no terreiro, associando o santo a um orixá chamado Irokô.

Na umbanda podemos perceber que em muitos terreiros, o sincretismo ainda permanece como parte da tradição. Sobre o fenômeno, Ferretti (1998) nos informa,

O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constitui uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas. (FERRETTI, 1998, p. 183).

⁸ Entrevista realizada no dia 09/01/2022.

A partir do relato de Mãe Toinha, pode-se perceber que em 99% dos terreiros visitados, esses possuem imagens de São Francisco nos congares (altares) talvez por influência do catolicismo franciscano enraizado na sociedade canindeense, causando devoção ao santo, ou, como interpreta Mãe Toinha, um sincretismo a um orixá.

3- Conclusão

À guisa de conclusão, resalto os pontos destacados e debatidos ao longo do artigo, sendo eles, o entendimento do contexto histórico, social, cultural, político e econômico da região de Canindé, que foram fundamentais para o desenvolvimento do catolicismo franciscano e o crescimento urbano entorno da igreja. Analisamos também as manifestações afro-indígenas nas comunidades rurais e urbanas de Canindé, junto à chegada da Umbanda, o uso estratégico de legitimação da religião e o papel das mulheres como principais líderes dos terreiros.

Como podemos perceber, são as mulheres as principais líderes religiosas da umbanda em Canindé através do poder simbólico e cultural que possui o cargo de Mãe de santo. A responsabilidade é grande, pois, são cátedras ancestrais, de liderança e orientação, espiritual e política, para uma vida de possibilidade e bem-estar.

A umbanda é presente tanto nas periferias da cidade, como nas zonas rurais, e segue existindo e resistindo às adversidades e consequências de um país racista e intolerante à cultura e espiritualidade afro-indígena. Em muitas tradições religiosas milenares, o sacerdócio feminino exerce um papel especial, o sexto sentido, aliado a visão mais humanitária e o forte papel da liderança espiritual da mulher faz dele uma figura de extrema importância para o equilíbrio e manutenção da família (de santo ou sanguínea), dos templos religiosos, da educação e política.

Reitero a relevância social, acadêmica e científica, em pesquisar sobre o papel das Mães de Santo, como importantíssimas lideranças espirituais e políticas de suas comunidades e espaço religioso. Além de abordar sobre o fenômeno religioso presente em Canindé, envolvendo terreiros e basílica.

Nos últimos anos no Brasil, podemos presenciar diversos casos de ataques a casas de religiões afro-indígena, como foi o caso do terreiro de Salina em 2022, motivado

principalmente pelo ódio e pelo racismo religioso. O retrocesso acompanhado da direita delirante, vem sobrecarregado de um ódio contra a diversidade, contra ao negro e ao indígena.

Grosso modo, as lideranças seguem buscando o fortalecimento, seja nas tradições, ou mesmos nas reivindicações por reconhecimento nas esferas pública. Cabe sempre ressaltar que as epistemologias indígenas e africanas são possibilidades de se enxergar um mundo melhor.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Editora Letramento. Belo Horizonte, 2018.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões Afro-brasileiras: uma construção teológica**. Editora Vozes, Petrópolis, 2014.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. **A maternidade simbólica na religião afrobrasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na Umbanda em Fortaleza**. Tese de doutorado. Fortaleza, 2009.

FILHO, Carlos Studart. **Notas Históricas sobre os Indígenas no Ceará**. Revista Trimensal do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1965.

FEITOSA, Neri. **Origens de Canindé-Escola e turístico**. Instituto memórias de Canindé. 2002.

FERREIRA, Sócrates Pereira. **A Jurema Sagrada em João Pessoa: Um ritual em transição**. Tese (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, João Pessoa, 2011.

FERRETTI, Sergio. **Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural**. Universidade Federal do Maranhão. P. 183.1998.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte da pesquisa**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2004.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Editora UFMG, Belo Horizonte: 1999.

MAGALHÃES, Augusto César. **Uma viagem pela história de Canindé**. Ensaio cronológico e iconográfico dos primórdios aos dias atuais. Canindé-CE: Instituto Memórias de Canindé, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. São Paulo, USP, 2004.

NETO, João Leite. **Índios e Terras-Ceará: 1850-1880**. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

NOVAIS, Fernando. **Estrutura e dinâmica do antigo sistema colonial: (séculos XVI-XVIII)**. CEBRAP, São Paulo. 1974.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero**: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8. Traduzido por Juliana Araújo Lopes. Disponível em: <http://filosofia-africana.weebly.com/textos-africanos.html>. Acessado em: 10/01/2022.

RIVAS, M.E & JORGE, É.F.C. **“Por uma interpretação dos dados do censo 2010: da repressão ao movimento umbandista atual”**. Revista Identidade! Vol. 17, 2012. São Leopoldo: EST.

PEREIRA, Linconly Jesus. **A umbanda em Fortaleza**: análise dos significados nos pontos cantados e riscados nos rituais religiosos. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2012.